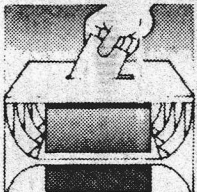


Falência ameaça deixar PFL fora do ar

Vice de Aureliano diz
que cofre vazio
atrapalha produção de
programa na TV

RIVALDO CHINEM



O PFL pode ficar fora do ar, quando começar o horário gratuito de rádio e televisão, no dia 15 de setembro. Dono de 16 minutos por dia, o segundo maior partido do País está sem dinheiro em caixa para produzir os seus programas. "Corremos o risco de nem termos um programa", afirmou ontem em São Paulo o candidato a vice, Cláudio Lembo. "Tenho pouco dinheiro", admitiu o candidato do partido, Aureliano Chaves, numa reunião com 15 empresários do Sindipeças e com nove diretores do Sindicato dos Mineradores. "Quero que vocês me digam se é bonito fazer campanha política luxuosa num País onde crianças morrem de fome", emendou Aureliano.

A falência na campanha do PFL, no entender de Cláudio Lembo, pode levar o partido a produzir um programa sem qualquer recurso técnico, apenas com o candidato falando durante 16 minutos. "Ao invés de um videoclip podemos elaborar um programa modesto, somente expondo nosso programa de

governo", conforma-se Lembo. Na sua palestra para os dirigentes do Sindipeças — uma entidade que reúne empresários responsáveis pela exportação de um bilhão de dólares por ano em mercadorias e pelo emprego de 300 mil pessoas em todo o País —, Aureliano Chaves se definiu como um "ruminante": "Rumino as minhas coisas, questiono a mim mesmo", afirmou.

Com relação à eleição presidencial, o candidato do PFL já ruminou pelo menos um ponto de vista: "A continuar assim, não vamos terminar bem", previu Aureliano. "Esta vai ser a última eleição em que as cha-

madãs classes dominantes vão prevalecer no País, porque há uma total ausência de seriedade no processo de condução política."

Com 1,2% na última pesquisa Gallup, Aureliano também já concluiu algumas análises sobre o líder das consultas de opinião, Fernando Collor de Mello, do PRN. "Fabrica-se um candidato de proveta numa estação de televisão", afirmou Aureliano. Em seguida, o candidato foi mais fundo na crítica à TV Globo. "Vão eleger um candidato pela vontade de todos os brasileiros ou pela vontade de uma estação de televisão?", indagou.

Depois de ruminar sobre as dificuldades que a sua candidatura enfrenta dentro do partido, Aureliano chegou à conclusão de que a debandada dos pefelistas para as candidaturas de Paulo Maluf, do PDS, e de Fernando Collor, do PRN, é um fato de importância secundária. "A meu ver isso é normal e não causa de alarde estridente", afirmou. "Afinal de contas, aqueles que ficam no partido não são objeto de noticiário", concluiu.

Aureliano Chaves, que se deslocou de Minas num jatinho emprestado de um amigo e hospedou-se numa suíte do Maksoud Plaza (NCz\$ 3.000,00 a diária), não conseguiu obter o apoio de nenhum dos 24 empresários com quem se encontrou em São Paulo. Mesmo assim, disse que pretende continuar falando para platéias reduzidas. Mesmo porque, imagina, elas tendem a crescer em termos numéricos. "Fui convidado pelos sindicatos dos petroleiros e dos metalúrgicos de Minas Gerais e vou fazer uma série de palestras para os operários. Vou aonde me convidarem", afirmou.

Ter pertencido ao ministério de Sarney pode tirar votos de Aureliano, mas ele diz que não está nem um pouco incomodado com isso. "Quero que apontem alguma irregularidade na minha passagem pelos cargos públicos", desafiou. "Nunca enriqueci porque entendo que esses cargos têm a finalidade unicamente de servir ao povo."



Paulo Cerciar/AE

Aureliano, com Lembo: "Fico ruminando minhas coisas"